



# REALIZAÇÃO



# PATROCÍNIO



# PARCEIROS



## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Congresso Nacional de Arquivologia (6 : 2014 : Santa Maria)

Congresso Nacional de Arquivologia, 20 a 23 de outubro de 2014, Santa Maria [recurso eletrônico] : Arquivologia, sustentabilidade e inovação / organizado por Débora Flores, Andréa Gonçalves dos Santos e Flavia Helena Conrado ; coord. Daniel Flores.; revisado por Sérgio Ricardo Rodrigues [realização Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul] – Santa Maria : AARS, 2014.

Versão eletrônica. ; il. ; 4 ¼ pol.

ISBN: 978-85-68533-01-7

1. Arquivologia - Congresso. 2. Sustentabilidade. 3. Inovação. I. Flores, Débora., org. II. Santos, Andréa Gonçalves do., org. III. Conrado, Flávia Helena., org. IV. Flores, Daniel., coord. V. Rodrigues, Sérgio Ricardo., revisor V. Título: Arquivologia, sustentabilidade e inovação.

CDU: 930.25:658

## Comissão Organizadora do VI CNA



Andrea Gonçalves dos Santos - Mestrado  
 Camila Lacerda Couto - Especialização  
 Cléo Belício Lopes - Especialização  
 Daniel Flores - Pós-Doutorado  
 Débora Flores - Mestrado  
 Denize Brum Camargo - Graduação  
 Flavia Helena Conrado - Mestrado  
 Jorge Alberto Soares Cruz - Mestrado  
 Maria Cristina Kneipp Fernandes - Especialização  
 Mateus de Moura Rodrigues - Especialização  
 Raquel Miranda da Silva - Especialização  
 Rita de Cássia Portela da Silva - Mestrado  
 Rosani Gorete Feron - Especialização  
 Valéria Raquel Bertotti - Mestrado  
 Viviane Portella de Portella - Mestrado

## Comissão Central de Programação Científica



Prof. Dr. Daniel Flores (UFSM) - Presidente  
 Prof. Dr. André Zanki Cordenonsi (UFSM) - Membro  
 Prof. Me. Jorge Alberto Soares Cruz (UFSM) - Membro  
 Prof. Dr. José Maria Jardim (UNIRIO) - Membro  
 Prof. Dr. Rafael Port da Rocha (UFRGS) - Membro  
 Profa. Ma. Valéria Raquel Bertotti (UFRGS) - Membro

## Secretaria de apoio da Comissão Central de Programação Científica



Arquiv. Ma. Andrea Gonçalves dos Santos (FURG) - Membro  
 Arquiv. Mnda. Daiane Segabinazzi Pradebon - Membro  
 Arquiv. Ma. Flavia Helena Conrado (IFRS/ POA) - Membro  
 Arquiv. Ma. Neiva Pavezi (UFSM) - Membro

## Comissão de Pareceristas - Avaliadores



Alicia Casas de Barran (EUBCA) - MERCOSUL  
Ana Celeste Indolfo (Arquivo Nacional) - Inst. Arquivísticas  
Ana Célia Rodrigues - UFF  
André Malverdes - UFES  
Angelica Alves da Cunha Marques - UnB  
Anna Carla Almeida Mariz - UNIRIO  
Anna Szlecher (UnC) - MERCOSUL  
Aurora Leonor Freixo - UFBA  
Beatriz Kushnir (AGCRJ) - Inst. Arquivísticas  
Carla Mara da Silva Silva- UFAM  
Carlos Augusto Silva Ditadi - Conarq  
Carlos Blaya Perez - UFSM  
Cíntia das Chagas Arreguy - UFMG  
Dhion Carlos Hedlund - FURG  
Eliana Maria dos Santos Bahia - UFSC  
Eliandro dos Santos Costa - UEL  
Eliezer Pires da Silva - UNIRIO  
Fernanda Kieling Pedrazzi - UFSM  
Flávio Leal da Silva - UNIRIO  
Francisco José Aragão Pedroza Cunha - UFBA  
Hamilton Vieira de Oliveira - UFPA  
Heloísa Liberalli Bellotto - USP  
Janilton Fernandes Nunes - UFAM  
João Eurípedes Franklin Leal - Conarq  
Jorge Eduardo Enriquez Vivar - UFRGS  
José Augusto Chaves Guimarães - UNESP  
Josemar Henrique de Melo - UEPB  
Julianne Teixeira e Silva - UFPB  
Katia Isabelli de Bethânia Melo de Souza - UnB  
Leandro Ribeiro Negreiros - UFMG  
Marcieli Brondani de Souza - UFAM  
Margarete Farias de Moraes - UFES  
Maria Do Rocio Fontoura Teixeira - UFRGS  
Maria Laura Rosas (EUBCA) - MERCOSUL  
Maria Leandra Bizello - UNESP  
Maria Teresa Navarro de Britto Matos - UFBA  
Maria Virginia Moraes de Arana - UFES  
Mateus de Moura Rodrigues - FURG  
Paulo Roberto Elian dos Santos (Fiocruz) - Inst. Arquivísticas  
Lucivaldo Vasconcelos Barros - UFPA  
Luiz Eduardo Ferreira da Silva - UFPA  
Renato Tarciso Barbosa de Sousa - UnB  
Rita de Cassia Portela da Silva - UFRGS  
Rosa Zuleide Lima de Brito - UFPB

Rosane Suely Alvares Lunardelli - UEL  
Sérgio Renato Lampert - FURG  
Sônia Elisabete Constante - UFSM  
Telma Campanha de Carvalho Madio - UNESP  
Úrsula Blattmann - UFSC  
Welder Antônio Silva - UFMG

## **Comissão de Apoio**



### **Secretária**

Melina Pereira

### **Comissão de Divulgação**

Everton Tolves  
Pâmela Menezes Flores  
André Grendene Azevedo  
Maria Eduarda Flores

### **Comissão de Transportes**

Daiane Regina Segabinazzi Pradebon  
Comissão Artística  
Arion Pilla

### **Comissão de Projetos**

Jonas Ferrigolo Melo  
Juliana Kirchhof  
Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues

### **Comissão de Inscrições, Credenciamento e Certificados**

Camila Medeiros  
Tamiris Carvalho  
Catiana Ramiro

### **Comissão de Infraestrutura**

Adriéli Mello  
Douglas Duarte

### **Editoração e Revisão**

Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues



**Associação dos Arquivistas do RS - AARS**

**Biênio 2013 - 2015**

**Diretoria**

PRESIDENTA: Débora Flores

VICE-PRESIDENTA: Andrea Gonçalves dos Santos

1ª SECRETÁRIA: Camila Lacerda Couto

2ª SECRETÁRIA: Maria Cristina Kneipp Fernandes

1ª TESOUREIRA: Raquel Miranda da Silva

2º TESOUREIRO: Cléo Belicio Lopes

**CONSELHO FISCAL - TITULARES**

Denize Camargo

Rosani Gorete Feron

Viviane Portela de Portela

**CONSELHO FISCAL - SUPLENTES**

Daniel Flores

Flavia Helena Conrado

Jorge Alberto Soares Cruz



## **SUMÁRIO**

Sobre o Evento.....	<b>09</b>
AARS.....	<b>11</b>
Comunicações Orais – Eixo Epistemologia da Arquivologia e Formação Profissional.....	<b>12</b>
Comunicações Orais – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	<b>328</b>
Comunicações Orais – Eixo Acesso à Informação.....	<b>370</b>
Comunicações Orais – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais.....	<b>615</b>
Comunicações Orais – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	<b>730</b>
Comunicações Orais – Eixo Gestão Documental.....	<b>949</b>
Comunicações Pôsteres – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais...	<b>1121</b>
Comunicações Pôsteres – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	<b>1143</b>
Comunicações Pôsteres – Eixo Gestão Documental.....	<b>1168</b>
Comunicações Pôsteres – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	<b>1220</b>

## SOBRE O EVENTO

### **VI CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA VI CNA - 2014 Santa Maria - RS**

A realização do Congresso Nacional de Arquivologia é o resultado do envolvimento e da cooperação das associações regionais de arquivistas que unem esforços com a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia – ENARA – criada em 2006 durante o II CNA ocorrido em Porto Alegre –, ademais da comunidade arquivística, atuante nas discussões em prol do desenvolvimento da Arquivologia.

Realizar um congresso, grandioso e importante como este para os profissionais arquivistas, é um trabalho árduo, mas também prazeroso, pois é ele um marco para o avanço da teoria arquivística e de suas tecnologias para a comunidade brasileira. Comunidade esta, cada vez mais, exigente e consciente da importância da gestão documental e informacional, considerando não somente a atividade fim da arquivística, mas ainda, sob um olhar na sustentabilidade e nas inovações que contribuem para o desenvolvimento e uma melhor aplicabilidade da gestão documental nas empresas e demais espaços de atuação do profissional arquivista.

Assim, em um congresso nacional como este, é sabido que as discussões geradas neste grandioso evento, espaço para o conhecimento e debates teóricos, enriquecem ainda mais a comunidade científica e ampliam, conseqüentemente, as discussões acerca da Arquivologia e sua teoria no Brasil.

Como contribuição para os profissionais envolvidos no evento, que ocorre na união de uma comunidade nacional em um mesmo espaço, enriquece a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, representando, portanto, um elemento importante no desenvolvimento da comunidade científica no âmbito da educação superior contemporânea.

Os congressos nacionais de arquivologia, que vêm acontecendo desde 2004, têm contribuído significativamente às discussões de classe. Cada evento vem carregado de ideias e visões, que ao longo dos dias são debatidas pela comunidade arquivística, resultando assim em novos conceitos, novos conhecimentos, potencializando o papel do arquivista na sociedade contemporânea, sendo o cerne do desenvolvimento de políticas e leis que se tornaram referência em outras áreas do conhecimento.

A realização deste evento é a oportunidade de atualização dos profissionais participantes, explorando novas tendências na gestão documental, trazendo-se temas de abordagem contemporânea e oportunizando, ainda, a presença de palestrantes de renome nacionais e internacionais.

As comissões organizadora e científica somam esforços para apresentar uma programação que venha fomentar amplo debate sobre as questões da atualidade na gestão arquivística e da gestão da informação, com vista a construir uma perspectiva para evidenciar as discussões acadêmica e científica, considerando as diferentes dimensões, na dicotomia: educação superior e vida profissional. Isso significa fortalecer os princípios para com a arquivística e a gestão da informação, propiciando uma formação acadêmica e uma atuação profissional que articule

organicamente com o conhecimento científico, técnico, político e, ainda, uma postura ética.

A interação entre as diversas formações e campos de atuação do profissional, proporciona troca e difusão de conhecimento, pressupondo sujeitos comprometidos com a evolução teórica e tecnológica da sua área de atuação. Desta forma, o evento visa divulgar, refletir e discutir as novas tendências da gestão arquivística e da gestão da informação, integrando seus diversos atores: docentes, discentes, gestores, técnicos, profissionais e comunidade em geral.

Desde a década de 70 o Brasil tem por tradição realizar congressos nacionais de arquivologia. Mas foi o ano de 2004 que ficou marcado em virtude da sequência dos congressos sofrer alteração.

Assim, o I Congresso Nacional de Arquivologia - CNA se realizou na cidade sede do governo federal, Brasília em 2004, tendo como tema “Os arquivos no século XXI”.

O II CNA, se realizou na acolhedora cidade de Porto Alegre em 2006, tendo como tema “Os desafios do arquivista na sociedade do conhecimento”. Este encontro foi um marco para o arquivologia nacional pois neste congresso se criou a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia, a ENARA, que desde então, passou a organizar os CNAs junto com a associação regional do estado sede do congresso.

O III CNA se realizou na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro em 2008, tendo como tema “A Arquivologia e suas múltiplas interfaces”.

O IV CNA se realizou na linda cidade de Vitória em 2010, tendo como tema “A gestão de documentos arquivísticos e o impacto das novas tecnologias da informação”.

O V CNA se realizou na bela cidade de Salvador em 2012, tendo como tema “Arquivologia e internet”.

E agora, o VI CNA, em 2014, se realiza no coração do Rio Grande do Sul, em Santa Maria. É o primeiro congresso nacional que ocorre em uma cidade que não é uma capital, e que nos enche de orgulho poder sediar e acolher estes profissionais que aqui chegam para discutir e compartilhar conhecimentos da Arquivologia.

O VI CNA conta com sessões plenárias apresentando temas como “A Diplomática Contemporânea e a Epistemologia da Arquivologia”, “Inovação em acesso e preservação digital” e “Avaliação de documentos: metodologia, procedimentos e implicações”. O evento conta também com quatro mini-cursos: “Preservação digital”, “Diplomática contemporânea”, “O documento arquivístico digital” e “ISO30300” com ministrantes do Brasil, Espanha e Portugal, além das comunicações orais e apresentação de pôsters.

As apresentações foram divididos por eixos temáticos: Epistemologia da Arquivologia e formação profissional, Inovação e sustentabilidade em arquivos, Acesso à informação, Documentos arquivísticos digitais, Patrimônio Documental e memória e Gestão Documental.

## A AARS

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul (AARS), criada em 1999, surgiu a partir da extinção dos Núcleos da Associação dos Arquivistas Brasileiros em julho de 1998, quando os associados do Núcleo Regional do RS se reuniram e, após muita discussão, aprovaram a constituição de uma associação estadual. Na ata de fundação, constavam 32 associados, que, com muita disposição, conseguiram criar uma entidade forte e reconhecida nacionalmente. A Associação é dirigida por uma diretoria eleita por dois anos.

Atualmente, a AARS conta com mais de 270 associados, já foi representante das associações de classe no Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) e Coordena a gestão da Executiva Nacional de Associações de Arquivologia do país até a realização do VI CNA. No ano de 2007, a AARS conseguiu sua inscrição na Seção de Associações Profissionais - SPA, do Conselho Internacional de Arquivos CIA. Em 2006, a Associação promoveu o II Congresso Nacional de Arquivologia, com aproximadamente 500 participantes. E hoje, mais uma vez reafirma sua dedicação em prol dos profissionais arquivistas.

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul tem por objetivos: a) promover a defesa dos interesses dos profissionais que atuam na área da arquivologia; b) incrementar estudos para melhorar o nível técnico e cultural dos profissionais de arquivo; c) cooperar com os órgãos governamentais e entidades nacionais e internacionais; públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos; d) promover a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho arquivístico, por meio de estudos, congressos, conferências, exposições, cursos, seminários, mesas redondas, e outras atividades; e) estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres; f) participar dos eventos que se relacionem com as atividades da área; g) colaborar com o Arquivo Nacional, os arquivos estaduais e municipais, no desenvolvimento de políticas de arquivo; g) a representação judicial ou extrajudicial dos associados mediante autorização da Assembleia Geral.

A atual diretoria da AARS tomou posse em 29 de julho de 2013, e tem seu mandato até julho de 2015. Além das atividades de defesa profissional, como divulgação da regulamentação da profissão, intervenções em concursos irregulares com vagas para arquivista, cursos de capacitação e treinamentos, a AARS enfrenta em 2014 um novo desafio. Após sediar em 2006 o então II Congresso Nacional de Arquivologia, a AARS recebe novamente o evento, porém na sua VI edição.



# **COMUNICAÇÕES ORAIS**

**EIXO:**

**EPISTEMOLOGIA DA  
ARQUIVOLOGIA E  
FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL**

## GRUPOS DE TRABALHO: APRIMORAMENTO DO DISCURSO EPISTEMOLÓGICO EM ARQUIVOLOGIA

Ismaelly Batista dos Santos Silva<sup>48</sup>

Camila Augusta Lima Alves<sup>49</sup>

**Resumo:** Trata da questão salutar dos eventos científicos como contribuição para promoção do conhecimento e, em particular na área de Arquivologia com ênfase ao Encontro Nacional dos Estudantes de Arquivologia (ENEARQ). A abordagem caracteriza-se como qualitativa tendo como instrumento de coleta de dados a entrevista com grupo focal no âmbito do Grupo de Trabalho (GT) onde foram trabalhadas questões voltadas à formação acadêmica em Arquivologia a luz da práxis, ética e saúde ocupacional na perspectiva de diferentes instituições de ensino superior em Arquivologia no Brasil. Como resultados são apresentados os encaminhamentos e deliberações advindos da análise e interpretação dos diálogos travados no transcurso do GT que vão desde o incentivo à pesquisa ao aprimoramento no que diz respeito à elaboração de planos disciplinares de ensino.

**Palavras-chave:** Arquivologia. Epistemologia. Eventos Científicos. Grupos de Trabalho.

## GRUPOS DE TRABAJO: MEJORA DE DISCURSO EPISTEMOLÓGICO EN ARCHIVOLOGY

**Resumen:** La cuestión de los eventos científicos sanos como una contribución para la promoción de los conocimientos y, en particular, en el área de archivística con énfasis en la Reunión Nacional de los estudiantes den(ENEARQ). El enfoque cualitativo se caracteriza por tener como un instrumento para la recolección de datos entrevista con grupo de enfoque en el marco del Grupo de trabajo (WG) donde se ha trabajado cuestiones a las que se enfrenta la formación académica en archivística a

<sup>48</sup> É Bacharela em Arquivologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Técnica em Biodiagnóstico pela Escola Técnica de Saúde da UFPB. E-mail: is.lb@hotmail.com

<sup>49</sup> É Especialista em Arquivo e Patrimônio pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Graduada em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Graduanda em Arquivologia pela UFPB. E-mail: camila.augusta.alves@gmail.com

la luz de la praxis, la ética y la salud en el trabajo desde la perspectiva de las diversas instituciones de educación superior en archivística en Brasil. Como resultados se presentan las referencias y las deliberaciones se originó en el análisis y la interpretación de los diálogos bloqueado en el transcurso de los GT que será siempre el incentivo de la investigación para mejorar en ese sentido con respecto a la elaboración de los planes de educación interdisciplinaria.

**Palabras claves:** Archivística. Epistemología. Eventos científicos. Grupos de Trabajo.

## 1. INTRODUÇÃO

Os eventos acadêmicos de forma geral atuam de maneira salutar na promoção e disseminação de novos conhecimentos e diálogos para consolidação de epistemologias que estão se desenvolvendo dentro das ciências e por vezes, em particular, no seio das instituições de ensino, como por exemplo, as Universidades. Contudo, os eventos também podem ser uma oportunidade interessante para ampliação das redes de *network* e fortalecimento de laços entre os interessados em linhas comuns de pesquisa (*pares*).

Mesmo com as possibilidades de interação existente através das mídias sociais e, outros recursos tecnológicos, a melhor forma de conhecer pessoas e promover vínculos profissionais ainda é a face a face.

Na área de Arquivologia não é diferente, uma vez que encontrar indivíduos que partilham ideias e necessidades semelhantes através dos relatos de experiência tem feito com que os discursos e reivindicações fossem legitimados pelos sujeitos que figuram na área e desta forma tomassem corpo. Em muitos casos, estes se transformam em ações e benefícios para os profissionais atuantes na área, como por exemplo: comissões criadas para fundação de Arquivos Governamentais, Associações Profissionais e o reconhecimento do próprio profissional Arquivista no mercado de trabalho (fato este que não será aprofundado, mas que ainda se encontra, a nosso ver, em processo de consolidação).

Na esfera estudantil do campo Arquivístico é possível observar um dinamismo e efervescência nos discursos impetrados nas falas em eventos regulares, tais como: as semanas acadêmicas dos cursos de Arquivologia (promovidos praticamente em todas as instituições de ensino superior ou escolas de Arquivologia pelo Brasil), bem como o Fórum Nacional dos Estudantes de Arquivologia (realizado

paralelamente ao Congresso Nacional de Arquivologia – CNA) e em sua estância superior o Encontro Nacional dos Estudantes de Arquivologia (ENEARQ) dentre outras ações pontuais de mesmo gênero. Fato este que se dá por meio das inquietações e preocupações vivenciadas pelos estudantes nas instituições de ensino.

Porém, muitas das contribuições à área se perdem na oralidade e acabam sendo esquecidas ou silenciadas com o passar do tempo, exatamente por falta de um escopo científico que dê respaldo ao que está sendo proposto ou simplesmente porque se deixou de registrar.

Desta forma o presente estudo apresenta, através da modalidade de Grupo de Trabalho (GT), as contribuições dos diálogos manifestados neste espaço para o discurso epistemológico em Arquivologia do ponto de vista do conteúdo. O GT foi realizado paralelamente com a 17ª edição do ENEARQ, de 2013.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo os estudiosos da memória, a exemplo de Aristóteles em sua obra *Parva Naturalia* (2012) e Henri Bergson com o livro *Matéria e Memória* (1990) percebemos que ela é constituída de lembranças e esquecimentos, ou seja, não é possível lembrar tudo que se viveu tão pouco registrar os fatos vividos exatamente como aconteceu, isso por termos na afecção o processo de apreensão de forma seletiva dos eventos pelos quais passamos ao longo da vida.

O mecanismo ou ação de esquecer e lembrar está intrínseco a natureza humana e diz respeito à própria manutenção da integridade mental, ou seja, seria humanamente impossível lembrar-se de tudo que vivemos com tamanha riqueza de detalhes.

Ao falarmos de memória tratamos de um fenômeno que diz respeito às relações entre os sujeitos no seio de uma comunidade e entre o passado e o presente. Nesse eixo, espaciotemporal, devemos entender como se dão a construção e exteriorização da memória. Tendo em vista dois pressupostos básicos – a reconstrução integral da memória é impossível e a memória é seletiva –, a memória se manifesta por intermédio da obra humana. Considerada a natureza da linguagem, isso pode ocorrer, entre outras

formas, pela narração (oral ou escrita), pela pintura e pelos filmes (GONDAR; DODEBEI, 2005, p.85).

Ampliando a concepção apresentada por Gondar e Dodebei, podemos inferir que a memória em termos plausíveis se expressa por meio do registro. Documentar então seria uma forma de representação da informação quanto à memória apreendida pelo homem.

Em meio a um mundo globalizado em que as possibilidades de registro e difusão da informação, tanto por meio físico como por eletrônico se ampliam, são potencializadas as atividades do cotidiano que exigem respostas pautadas em informações confiáveis. Ou seja, cada vez mais se exige dos indivíduos, competências informacionais e tomada de decisão em um curto espaço de tempo e em quantidades crescentes, dadas as possibilidades de interação social: física e digital.

A informação tornou-se então algo valioso e que está atrelada tanto ao sucesso quanto ao fracasso se tomarmos por base as grandes organizações. Para Frohmann (2001, p. 8) “A “informação”, em seu sentido abstrato, é o nome atual desta “nobre substância”, porque a informação, seja correndo em alta velocidade pelos meios eletrônicos, ou transmitida em um ritmo mais lento pela imprensa, é imaginada como o conteúdo de uma mensagem ou documento”.

A informação, presente na memória humana, está sujeita a determinados “caprichos” aos quais os indivíduos não podem dar-se ao luxo de contar como, por exemplo, o esquecimento. Diante disto, qual a estratégia utilizada para lidar com o próprio caráter seletivo e de esquecimento da memória?

O ser humano desenvolveu através da ação de registrar, uma estratégia para que se possa rememorar fatos e informações que possivelmente o homem não daria conta de armazenar até mesmo pelas próprias limitações da memória e o curto espaço de tempo no cotidiano.

Um aliado e já conhecido auxiliar da memória vem, por conseguinte ganhando cada vez mais um *status* de valorização, tanto a nível pessoal quanto profissional, tendo em vista que as demandas por ações pautadas em informações cada vez mais precisas tem perpassado estas duas ambiências (pessoal e profissional).

O documento por sua vez tornou-se o carro chefe isto, se entendermos este como a expressão do discurso de informação quanto ao seu escopo material ou de materialidade (FROHMANN, 2001).

O marco inicial dos questionamentos acerca do conceito de documento como fonte de pesquisa e disseminação da informação, bem como de suas relações com as disciplinas envolvidas em seu estudo, se dá no final do século XIX com Paul Otlet e Henry de La Fontaine. Eles usaram a palavra documentação como símbolo conceitual da ciência e das técnicas gerais do documento, emprestando ao vocabulário um sentido mais amplo que o de livro, afirmando que aquele compreende não só os textos manuscritos ou impressos, qualquer que seja sua forma, mas todos os sinais visuais, audiovisuais suscetíveis de transmitir uma informação (DODEBEI, 1997, p. 119).

Ainda neste contexto Dodebei continua afirmando que;

Tal ampliação do conceito de documento nos parece, certamente, ter uma relação direta com o desenvolvimento das tecnologias de fixação material de qualquer tipo de informação, embora Otlet se referisse aos documentos de Arquivo, Museus e outras instituições que preservassem informações úteis ao desenvolvimento do conhecimento humano, em todas as perspectivas (DODEBEI, 1997, p. 120).

Corroborando com a ideia de que a tecnologia agregou aspectos de ampliação quanto à conceituação de documento Maria Odila da Fonseca descreve:

O documento se transformou, então, de objeto físico em objeto conceitual, controlando, contexto e estrutura [...] não mais são considerados como reflexos de acumulação estática de ordem física de acumulação, e sim como a melhor e mais completa possibilidades de capturar as múltiplas dinâmicas de criação e autoria que possam estar refletidas em documentos (FONSECA, 2005, p. 63).

Sobre outro patamar, com o desenvolvimento tecnológico, é possível observar a ampliação também do contexto de documento em relação ao seu suporte e por sua vez da informação contida em si que passa a estar representado nos *bits* e *bytes* da Tecnologia da Informação.

O surto de progresso científico e tecnológico desencadeado a partir do século XIX, a rápida mudança dos limites de vários campos do conhecimento e as diversas relações estabelecidas entre eles, o aparecimento de novas especializações e profissões, a criação de vários tipos de organizações, as atividades de pesquisa ultrapassando os muros das universidades e inúmeros outros fatores contribuíram significativamente para o aumento da complexibilidade dos documentos. Tais fatos geraram grande massa de informações e novos tipos físicos de documentos [...] e

mais recentemente, os produtos dos sistemas de computador – disquetes. CD-Rom (PAES, 2004, p. 16).

A representação da informação por meio do registro ou documentação se faz necessária tanto com a finalidade histórica quanto o registro a fim de rememorar um evento passado, dar acesso e compartilhar um conhecimento, posto que as informações contidas nos acervos documentais sejam capazes de retratar desde a estrutura de funcionamento de instituições quanto no caso de pessoas (e seus acervos particulares) é possível também, através destes traçar o perfil de relações sociais e profissionais.

Os documentos, lidos como a sedimentação das práticas sociais, têm o potencial de informar e estruturar as decisões que as pessoas tomam diariamente e a longo prazo; eles também constituem leituras particulares dos eventos sociais (MAY, 2004, p. 205).

Porém, nada disto seria possível caso as informações deixassem de ser registradas em qualquer meio que se possa imaginar, do físico ao digital da mesma forma que, uma vez registrada a estrutura (do suporte) seja danificada, destruída ou mesmo fique escondida sem que se possa ter acesso. Para Choo (2006, p. 30) “o conhecimento reside na mente dos indivíduos, e esse conhecimento pessoal precisa ser convertido em conhecimento que se possa ser compartilhado e transformado em inovação”.

Partindo deste pré-suposto passamos a nos debruçar sobre o registro da informação e, conversão do conhecimento tácito em explícito, para a manutenção da memória e contribuição epistemológica ao campo da Arquivologia, através da análise qualitativa dos resultados apreendidos sob a modalidade de grupo focal (utilizado como instrumento de coleta de dados) com sua realização no âmbito do GT na XVII edição do ENEArq.

### **3. METODOLOGIA DA PESQUISA**

Pautando nos diálogos aplicados na qualidade de vida e formação preventiva voltada ao pleno, consciente e reflexivo exercício do ofício Arquivístico, com enfoque nos estudantes que estão ou pretendem ampliar o ensino/aprendizagem em

Arquivologia, através da prática de estágio supervisionado fora e/ou dentro das instituições de Ensino, às quais estão inseridos e por vezes estes não dispõem de quaisquer orientações acerca dos desafios éticos e ocupacionais que o exercício profissional pode lhes exigir no transcurso do desenvolvimento das atividades cotidianas no campo de estágio, ou mesmo, futuramente no mercado de trabalho em si.

E, visando minimizar ou eliminar as possibilidades de que os primeiros passos rumo a uma carreira quanto profissional que lida com a informação se torne uma experiência negativa ou de uma cultura negligente, exatamente por falta de informação, é que foi realizado um Grupo de Trabalho (GT) no XVII ENEArq, ocorrido na Universidade Federal de Santa Catarina, no período de 22 a 26 de julho de 2013.

O GT figurou como espaço de construção coletiva com estudantes de Arquivologia de diferentes universidades do Brasil, a saber, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Rio Grande, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Estadual da Paraíba, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Universidade de Brasília.

Como instrumento de coletas de dados foi utilizado à modalidade de entrevista, que segundo Minayo (2004, p. 64):

Tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador.

Para o presente estudo trabalhou-se com grupo focal em razão dos indivíduos presentes disporem da mesma condição, estudantes de Arquivologia, mesmo que de instituições diferentes.

Ainda no aspecto do grupo focal Tim May (2004, p. 152) descreve que “as entrevistas de grupo constituem uma ferramenta valiosa de investigação, permitindo aos pesquisadores explorarem normas e dinâmicas grupais no redor de questões e tópicos que se deseja investigar”. Corroborando com esta ideia Gaskell e Bauer, afirmam que;

No grupo focal, o entrevistador, muitas vezes chamado de moderador, é o catalisador da interação social entre os participantes. O objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem. É uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade.

O número total de participantes, ou seja, o universo da pesquisa contou com a efetiva colaboração de 16 (dezesesseis) entrevistados.

Primeiramente foi introduzido o que seria discutido, com a apresentação de temas a fim de ampliar a capacidade de interação e objetivação das falas dos participantes. Os temas abordados foram: esfera do campo ético e da práxis a qual o profissional Arquivista está inserido; informação em saúde e desenvolvimento de um senso crítico no âmbito da Saúde Ocupacional; Biossegurança; Legislação; uso dos Equipamentos de Proteção Individual e Coletivos de maior espectro no ambiente de trabalho; e, por fim, pesquisas em arquivos.

Vale ressaltar que paralelamente ao GT foram desenvolvidas outras temáticas, mas para esta pesquisa foi realizado um recorte apenas do conteúdo abrangente das questões acima destacadas.

A abordagem caracteriza-se como qualitativa, do ponto de vista da coleta, análise e interpretação dos dados em virtude da especificidade e subjetividade dos entrevistados que fizeram uso da linguagem como mecanismo de transmissão das informações utilizadas para elaboração dos resultados (RICHARDSON, 1999).

Os resultados foram assim obtidos a partir da análise do conteúdo presente nas falas e apontamentos indicados pelos participantes do GT ou grupo focal e que assim passaram a fazê-los logo após o debate sobre os temas previamente selecionados para a discussão.

As informações foram transcritas, revisadas, analisadas e condensadas para que sua síntese gerasse o que se convencionou chamar de deliberações que são as proposições feitas pelos participantes do grupo em forma de ações e/ou reivindicações a serem acatadas ou adotadas como conduta visando melhora, implantação e/ou aprimoramento das pesquisas e atividades ofertadas pelas instituições.

#### **4. RESULTADOS**

Obedecendo a dinâmica dos temas abordados nos diálogos no âmbito do grupo focal, os resultados então se deram nos campos da:

- PRÁXIS:

Constatação da necessidade de incentivo e inserção dos discentes no universo da pesquisa científica por parte dos docentes e profissionais envolvidos no âmbito do desenvolvimento das atividades extracurriculares (estágio, monitoria, projetos de extensão etc.);

- ÉTICA:

1º) Direcionamento e enfoque no planejamento das disciplinas envolvendo ética, a fim de que se possa trabalhar na perspectiva da aproximação do conteúdo teórico aplicado a realidade e cotidiano profissional, inclusive com a simulação de situações hipotéticas;

2º) Acompanhamento efetivo e periódico dos estudantes no local de estágio, a fim de avaliar/ fiscalizar os aspectos relacionados a um ambiente propício ao desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal dos discentes;

- SAÚDE OCUPACIONAL:

1º) Assistência para avaliação e apoio contínuo de profissional especializado aos discentes em processo de práticas de estágio, para que se possa mediar possíveis conflitos e danos de ordem ergonômica e demais interações ocupacionais;

2º) Promoção dos temas de ética e saúde ocupacional, aplicados ao ofício do arquivista através de *workshops*, oficinas, minicursos e ações de mesmo gênero, em caráter regular para capacitação dos estudantes em caráter permanente, inclusive pautando e estabelecendo diálogos para desenvolver e aprofundar os estudos das temáticas relacionadas dentro da área de Arquivologia.

As deliberações apontadas através do GT tendem a atuar como indicadores e recomendações a toda comunidade científica e acadêmica da Arquivologia chamando a atenção para necessidades de diálogos nos espaços acadêmicos dentro das Universidades, bem como tem a pretensão de mobilizar e orientar aos pesquisadores a cerca das necessidades de olhares epistêmicos cujos quais os estudantes tendem a deparar-se no cotidiano de sua formação e que por sua vez veem a necessidade de aprimoramento.

Com a finalidade de atingir as expectativas e anseios dos estudantes as deliberações dos GT's realizados no ENEArq são submetidas à apreciação e aprovação ao fim da programação do evento através de uma plenária com ampla participação dos inscitos que, tem por objetivo avaliar pontos relevantes da realização de todo o evento. E, as mesmas deliberações posteriormente são publicadas e difundidas através do *síte* da Executiva Nacional dos Estudantes de Arquivologia (ENEA) o que tende a contribuir para a memória e fortalecimento do movimento estudantil quanto agente ativo na construção dos saberes na Arquivologia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Grupos de Trabalho são na verdade um campo fértil para a realização de coletas de dados para futuros apontamentos epistemológicos através da observância no que tange a possibilidade de conversão destes na modalidade de grupos focais, que se configuram como um mecanismo de entrevista dinâmico com a presença de um moderador (geralmente que está a frente do GT).

Através do registro das falas e mais especificamente o conteúdo que destas emana é possível observar um rico material que, se bem trabalhado, pode dar indícios de novas e conflitantes expressões epistemológicas como as deliberações no caso em particular do GT apresentado neste estudo que, visaram o desenvolvimento de pesquisas científicas que lancem o olhar sobre o Arquivista em seu ambiente específico de trabalho levando em consideração não só o objeto de pesquisa e estudo (os acervos documentais), mas as potencialidades de interações do profissional ao que rege a práxis, ética e a saúde ocupacional.

Porém, por falta de habilidade ou um olhar apurado do pesquisador, muitas das contribuições que surgem durante as entrevistas ou grupos de trabalho acabam se perdendo e ficando apenas no campo da oralidade. O que para fins de posterior análise e utilização daquele conhecimento aplicado a outros discursos torna-se ineficaz ou mesmo impossível de ser realizado. Sob o viés da memória, por sua vez é algo natural e compreensível em virtude da dinâmica existente entre lembranças e esquecimentos.

As deliberações do GT aqui apresentadas nos resultados caracterizam como uma contribuição ao discurso epistemológico em Arquivologia e revelam o efetivo

caráter colaborativo que, independente da titulação, os discursos podem exercer para um campo científico.

Neste caso em particular por tratarem-se da ampliação e refrescamento das temáticas abordadas diante das novas e já existentes demandas de discussão para área de Arquivologia, visto que dizem respeito não apenas ao campo disciplinar, mas em como está postulada a ação do profissional que, salvo exceções, fatalmente passará por toda uma formação para que assim se chegue a atuar e usufruir do título de profissional Arquivista.

Cabe então a ideia de que o registro ou materialização do conhecimento faz das ações isoladas um recurso potencial, ou seja, dada a realização de GT ou mesmo palestras, dentre outras tantas modalidades de atividades de caráter científico, que se cumpra o papel de não apenas comunicar no presente, mas que se documente para que outros tantos indivíduos tenham acesso, seja para o uso em futuras pesquisas ou mesmo para conhecimento próprio e/ou informativo.

## REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Norma: 14724** – Informação e Documentação/Trabalhos Acadêmicos / Apresentação. 2011.

ARISTOTELES. Da memória e da Revocação. In: **Parva naturalia**. São Paulo: Edipro, 2012

BAUER, Martin W. Gaskell, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CHOO, C. W. **A Organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. 2. ed. [S.l.]: SENAC, 2006.  
Editora Paz e Terra. 2. Ed. 1997.

DODEBEI, Vera Lúcia Doylei. **O sentido e o significado de documento para memória social**. 1997. 185f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

FONSECA, Maria Odila Kahl. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: FGV 2005. 124p.

FROHMANN, Bernd. Discourse and documentation: some implications for pedagogy and research. **Journal of Education for Library and Information Science**, Oak Ridge (EUA), v. 42, n.1, 2001.

GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Orgs.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa. 2005. 160p.

MAY, Tim. Pesquisa documental: escavações e evidências. In: **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MINAYO, M. C. de Souza. Trabalho de campo, contexto de observação, interação e descoberta. In: (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. São Paulo: Petrópolis: Vozes, 2004.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3 ed. Ver. Ampl. – Rio de Janeiro: FGV, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SOUSA, Renato Tarcisio Barbosa de. Os arquivos montados nos setores de trabalho e as massas documentais acumuladas na administração pública brasileira: uma tentativa de explicação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, 2007 – cid.unb.br.